

Crédito Ext

Entrada de investimento externo deve cair pela metade em 83 e 84

por Célia de Gouvêa Franco
de Brasília

O ingresso de investimentos estrangeiros neste ano e em 1984 deverá ser muito inferior ao dos últimos anos, quando se conseguiu mais de US\$ 1 bilhão ao ano. Agora, a expectativa é de que os investimentos externos fiquem limitados a US\$ 400 milhões ou US\$ 500 milhões em 83 e outro tanto no próximo ano.

Esses são números considerados realistas pelas autoridades monetárias e estão sendo apresentados aos economistas de bancos estrangeiros, que permanecem há uma semana em Brasília checando dados sobre a economia brasileira, depois de acordados com a missão do Fundo Monetário Internacional. Poderá haver um ingresso maior de capital de risco no próximo ano, se for consolidada a recuperação mundial e tiverem sucesso as negociações com o FMI e os bancos privados, mas as autoridades brasileiras estão preferindo trabalhar com números mais conservadores para evitar revisões muito drásticas como a deste ano. Inicialmente, a

expectativa para 1983 era de um ingresso de investimento exterior de US\$ 1,5 bilhão, volume cortado para menos de um terço agora.

Outro dado fundamental para a definição da necessidade de recursos externos — projetada, em princípio, para cerca de US\$ 9 bilhões para o restante deste ano e para 1984 — está sendo, contudo, desenhado com base em uma premissa mais otimista. A conta de juros está sendo calculada a partir de um Libor médio de 11% ao ano. O que significa uma conta de US\$ 11,2 bilhões, de acordo com uma fonte governamental. A tendência de elevação dos juros no exterior, constatada nas últimas semanas, poderá, contudo, aumentar a conta a ser paga no próximo ano. Nesse caso, a alternativa mais conveniente para os bancos estrangeiros é contar com um acréscimo no superávit da balança comercial.

Por isso mesmo, as autoridades brasileiras já estão trabalhando com uma margem flexível em relação à balança comercial — o saldo positivo poderia variar

entre US\$ 8,5 bilhões e US\$ 9,5 bilhões, conforme essa fonte. Em princípio, porém, já ficou praticamente definido que as importações deverão ser mantidas no mesmo nível deste ano, em cerca de US\$ 16 bilhões. Espera-se cortar em US\$ 1,3 bilhão as compras de petróleo em comparação com este ano e manter as importações do setor estatal estabilizadas. Com isso sobraria um espaço para as empresas privadas aumentarem suas importações em até 20% em relação a 1983, desafogando um pouco o setor industrial.

Essa relativa descompressão poderá, por sua vez, ajudar a economia a ter um pequeno crescimento real no próximo ano, inferior, contudo, a 2%. Mas, essa expectativa mais otimista também não está sendo colocada nas projeções oficiais. Nos acertos com o FMI e com os bancos privados, a previsão é de um crescimento zero tanto neste como no próximo ano.

As estimativas para este ano, na área externa, permitem ainda a previsão de um déficit em transações

correntes, no balanço de pagamentos, de US\$ 7,7 bilhões em 1983. Para o próximo ano, a questão está provocando maior controvérsia, pois o governo brasileiro gostaria que fosse fixado um número perto de US\$ 6 a US\$ 6,5 bilhões, mas os credores internacionais querem reduzir a previsão do déficit para US\$ 5,5 bilhões, pois assim seria menor o volume de recursos que teriam de conceder ao País. As negociações nessa área devem continuar ainda nos novos encontros já previstos com o FMI e com os bancos internacionais.

De qualquer forma, os bancos privados poderão ter de emprestar menos ao Brasil sem contar essa questão do déficit. Na projeção das necessidades de novos recursos para este ano — de US\$ 3,5 bilhões — estão embutidas operações com os outros credores, além dos bancos. Assim, se o Brasil conseguir chegar a um acordo com o Clube de Paris, que reúne os países industrializados, seria reduzida a participação dos bancos internacionais no financiamento desses US\$ 3,5 bilhões.